

ALGUNS ASPECTOS DA RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE, LITERATURA E FILOSOFIA

José Pereira da Silva*

Resumo: As relações entre psicanálise, filosofia e literatura iniciaram-se nos textos de Freud. Este, no decorrer da sua obra, faz inúmeras citações de escritores e filósofos. A absorção da filosofia pela psicanálise tem adquirido especificidade na atualidade. Lacan teve papel fundamental no diálogo entre psicanálise e filosofia. Ele integrou a filosofia em suas ideias e muitas destas se tornaram presentes na filosofia. Muitas questões filosóficas dialogam com a teoria psicanalítica em seus aspectos essenciais. A psicanálise enseja a busca de espaços de pensamento que ela e a filosofia dialogam. Não se deve separar de forma radical psicanálise e filosofia. A literatura, por exemplo, sempre esteve presente no horizonte dos estudos filosóficos e psicanalíticos. Ela também tem o papel de recepção das ideias filosóficas. A literatura é uma forma de intuição e antecipação de questões filosóficas como podemos ver em James Joyce, Marcel Proust, Franz Kafka entre outros.

Palavras-Chave: psicanálise, filosofia, literatura.

Abstract: The relationships between psychoanalysis, philosophy and literature began with Freud's texts. Freud throughout his work quotes numerous writer and philosophers. The absorption of philosophy by psychoanalysis has acquired specificity nowadays. Lacan played a fundamental role in the dialogue between psychoanalysis and philosophy. Lacan integrated philosophy into his ideas and many of them became present in philosophy. Many philosophical questions dialogue with psychoanalytic theory in its essential aspects. Psychoanalysis gives rise to the search for spaces of thought in which it and philosophy dialogue. Psychoanalysis should not be radically separated. Literature has always been present on the horizon of philosophical and psychoanalytic studies. Literature also has the role of receiving philosophical ideas. Literature is a form of intuition and anticipation of philosophical questions as we can see in James Joyce, Marcel Proust, Franz Kafka, among others.

Keywords: psychoanalysis, philosophy, literature.

Introdução

Existe uma longa tradição de estudos entre psicanálise, literatura e filosofia. Procuram decifrar a linguagem íntima dos objetos, abordam as urgências humanas. A palavra e a

* Nascido em Caçapava-SP. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É professor, jornalista e pesquisador. Licenciado em História. Especialista em Filosofia, teologia e literatura. Atualmente estuda psicanálise. Doutor Honoris Causa em Filosofia. Membro da Academia de Letras do Brasil, seccional de Uberaba-MG, Cadeira Mário Quintana. Membro da Febacla, Cadeira n.44 – Patrono João Francisco Lisboa. Membro fundador da Conclab, Cadeira n.58. Membro da Academia Soberana Brasileira de Artes do Rio de Janeiro, comendador pela mesma academia. Membro da Academia Taubateana de Letras. Membro da Academia Valeparaibana de Letras e Artes. Membro da Academia de Letras de São José dos Campos. Membro da Academia Marial do Santuário Nacional de Aparecida. Membro da Academia São Constantino e Santa Helena de Ciências Históricas.

linguagem são meios de expressar e estruturar a realidade. Meios de expressão da psicanálise, da literatura e da filosofia. Psicanálise e literatura nascem da palavra, são formas e experiências de narração. São visões plurais de um mesmo fenômeno. Sigmund Freud inaugurou o diálogo entre a psicanálise e a literatura. Um diálogo cheio de possibilidades e impossibilidades. Existem problemas nesse diálogo que não trataremos aqui. A problematização do literário pertenceu por muito tempo ao campo da Filosofia e não só da literatura. Apresentaremos brevemente algumas reflexões e articulações entre psicanálise, filosofia e literatura. O diálogo entre psicanálise, filosofia e literatura abre novas sendas interpretativas. Na primeira parte: Freud e a literatura, destacarei o relacionamento entre o pai da psicanálise com a literatura e os escritores; na segunda parte: Discurso literário e o discurso psicanalítico, faremos uma sucinta reflexão entre o fenômeno literário e a psicanálise; na terceira parte: as relações entre psicanálise e discurso filosófico.

1. Freud e a literatura

Desde Sigmund Freud (1856-1939) a psicanálise mantém um diálogo com a literatura. Freud era um leitor contumaz e manteve um relacionamento pessoal e epistolar com escritores ilustres de sua época. O criador da psicanálise foi buscar o conceito de complexo na literatura do dramaturgo grego Sófocles (497 ou 496 a.C.). Aborda *Épico Rei* de Sófocles em sua perspectiva psicanalítica, criando o conceito de complexo de Édipo. Freud em sua mensagem de agradecimento ao receber o Prêmio Goethe de Literatura expressou-se:

[...] Goethe sempre valorizou altamente Eros, nunca tentou minimizar seu poder, seguiu suas expressões primitivas e mesmo licenciosas com não menor atenção do que suas manifestações mais sublimadas e, segundo me parece, expôs sua unidade essencial através de todas as suas exteriorizações em forma não menos resoluta do que Platão o fizera na antiguidade [...] (FREUD, 1960a, p. 210).

Freud utilizava-se da literatura como suporte de seus achados clínicos, por exemplo, interpretou Hamlet de William Shakespeare (1564-1616) na perspectiva do Complexo de Édipo. Analisou *Os Irmãos Karamazov* de Fiódor Dostoiévski (1821-1881) no prisma psicanalítico.

Seus autores e obras literárias prediletas são as seguintes: Homero, Sófocles, Shakespeare, *A descendência do Homem*, de Charles Darwin, *Paraíso Perdido* de John Milton, *Lazarus*, de Heinrich Heine, *Cartas e Obras* de Multatuli, O livro da *Jungle*, de Kipling, *Sobre a Pedra Branca*, de Anatole France, *Fecundidade*, de Émile Zola, *Leonardo da Vinci*, de Merejkosby, *A gente de Seldwyla*, de Gottfried Keller, *Os últimos dias de Huttens*, de Conrad Ferdinand Meyer, *Ensaaios*, de Thomas B. Macaula, *Pensadores Gregos*, de Theodor Gomperz, *Esboços*, de Mark Twain. Admirava também Gustave Flaubert. No final de sua vida se dedicou a leitura de obras policiais de Dorothy Sayers, de John Galsworthy e de James Hilton.

Sigmund Freud teve oportunidade de conhecer pessoalmente vários escritores, tais como: Stefan Zweig, Arnold Zweig, Romain Rolland, Arthur Schnitzler, Lou Andreas-Salomé, Thomas Mann, Hermann Hesse.

Certa vez, Freud escreveu ao escritor e médico austríaco Arthur Schnitzler (1862-1931) afirmando ser esse escritor através de suas obras literárias um grande “investigador das profundezas psicológicas” (FREUD, 1960b, p. 399).

Thomas Mann (1875-1955) homenageou Freud com uma obra intitulada *A posição de Freud na História*. E a obra *Cervantes, Goethe, Freud* (MANN, 1961).

2. Discurso literário e o discurso psicanalítico: alguns aspectos

Existe uma dialogicidade entre os discursos literário e psicanalítico, o sujeito da linguagem é também o sujeito do inconsciente. Freud tinha afeição pela literatura, para tratar das relações entre literatura e psicanálise usava conceitos da psicanálise, em especial a formação do inconsciente, pois, entendia que haveria uma comunicação entre o artista e sua produção e o inconsciente. Freud divide a subjetividade em consciente e inconsciente. A subjetividade para ele deixa de ser apenas a consciente e passa a ser também a inconsciente. Existem dois sujeitos do enunciado e da enunciação. Aquilo que está no inconsciente e recai busca expressar-se. Aqui está a fonte da criação literária. Muito do material que o escritor utiliza em sua produção literária está no inconsciente. O escritor através da sua escrita passa a ter acesso aos conteúdos do inconsciente.

Para Jacques Lacan (1901-1981) o inconsciente é estruturado como linguagem, portanto o texto já é objeto em si. O escritor elabora conteúdos inconscientes através do texto. É deixar o texto falar.

O escritor e semiólogo Rolando Barthes (1915-1980) entende que na literatura temos muitos saberes: “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles. Ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (BARTHES, 1996, p. 18).

Freud em seus trabalhos enfatizou a dimensão fundamental da fala e da escrita na psicanálise. Para o fundador da psicanálise, fantasias, sonhos, atos falhos entre outros são elementos inconscientes feitos da elaboração psíquica que necessitam de interpretação. Os elementos inconscientes se expressam e passam a ter significado através das palavras e da linguagem.

Freud situa o trabalho literário do escritor entre as formações inconscientes. O desejo inconsciente, retomado do recaiado que produz o texto no caso do escritor. Ele faz analogia do escritor criativo com o homem que devaneia, portanto, compara o escritor com o fantasiar, em sua obra “Escritores criativos e devaneios” (FREUD, 1969).

Assim como nas formações inconscientes, no texto literário não é fundamental o sentido literal e sim a lógica dos significantes da narração literária. O caminho para entender essa lógica narrativa está nos elementos do próprio texto. Portanto, a literatura tem uma importância para a análise psicanalítica; a linguagem inconsciente tem uma função de revelar o desejo inconsciente. O escritor em seu fazer literário utiliza dessa linguagem no ato da escrita.

O texto literário é uma linguagem que representa o real que não tem uma única interpretação. O escritor em sua produção literária elabora o real através do simbólico. Lembrando que para psicanálise freudiana o sujeito do inconsciente é sujeito da linguagem.

Para Freud, o simbólico é fundamental na constituição do sujeito do inconsciente. Na constituição do sujeito temos o simbólico, o imaginário e o real. Elementos também presentes na elaboração das obras literárias. A linguagem, portanto, é uma das formas de trabalhar a produção literária. A literatura enquanto cria textos criativos é uma expressão do inconsciente. A psicanálise freudiana prioriza a linguagem na constituição do sujeito.

A poesia, a prosa e outros gêneros literários expressam a linguagem e a gramática do inconsciente. A linguagem como expressão do inconsciente. Para Jacques Lacan, a palavra que funda a história do sujeito. No caso, o sujeito é um desejante e o inconsciente situa o desejo através da palavra.

A linguagem tem a função de abarcar o impossível de ser dito. Trata-se de escutar a obra literária. A linguagem se constituiu no marco da subjetividade do sujeito. O inconsciente se articula como linguagem. Com isso o escritor surge pela narrativa escrita. Por meio das obras literárias, podemos nos aproximar das questões inconscientes. De tal forma que a escrita se torna uma via criativa. A palavra que se torna possibilidade de abrir portas. A literatura permite ao leitor a livre associação de ideias, ela é um canal que permite o sujeito se expressar. É interessante a colocação de Birman: “Esta articulação entre saber psicanalítico e tradição literária é um tópico fundamental, uma das condições de possibilidade para que se compreenda a metodologia psicanalítica” (BIRMAN, 1991, p. 106-107).

A literatura é uma das formas de expor a alma humana em seus liames profundos:

Nada como a literatura, essa experiência de milênios de encantamento da palavra promovida (e movida) pela humanidade para nos tentar a entrar para o mundo dos heróis, das aventuras, da exposição da alma humana e da exploração do sentido de tudo que há e nos acerca¹.

O escritor testemunha um saber inconsciente. Pensamentos inconscientes que geram produção literária criativa. Freud entendia que a relação entre psicanálise e literatura tem um liame com a estrutura do inconsciente:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas, entre o céu e a terra, com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Então bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, 1974, p. 18).

Freud convocava a literatura para lhe ajudar naquilo que a psicanálise não alcançava. A psicanálise como um instrumento interpretativo do texto literário, desbravando o sentido velado. Encontrar nos escritores e suas obras algo da alma humana. O ofício do escritor

¹ RAMOS, Anna Cláudia; AGUIAR, Luiz Antônio. Por um espaço especial para a literatura na escola. Palestra apresentada ao COLE 2007, no Seminário FNLIJ de literatura Infantil e Juvenil, 2012.

é o tecelão de palavras, é ter em linhas todos os sonhos do mundo, conscientes e inconscientes:

Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tratado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através da textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções constitutivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido do texto e a teia da aranha) (BARTHES, 1996, p. 82-83).

A prosa de Freud é escrita em língua clássica, é densa e clara, em busca de uma ordem de exposição que siga o fluxo real do pensamento. Em Freud, pensamento e escrita são inseparáveis.

Freud é um romântico do século XIX. Seus gostos literários são os dos eruditos letrados da época. Era impermeável às vanguardas, ele se aproximava, em sua obra, da estética do romance. Freud se assemelhava ao romancista Victor Hugo (1802-1885), escrevia diariamente e com facilidade. Foi um grande epistológrafo, redigindo mais de 20 mil cartas.

Já Jacques Lacan (1901-1981), psicanalista francês que tem uma estilística que parece mais próxima dos meandros do inconsciente em que capta no enunciado o que escapa a qualquer ordem reflexiva consciente. Sua escrita tem um fascínio exercido por certos poetas modernos, como Stéphane Mallarmé (1842-1898).

A escrita de Lacan dá sempre mais o que pensar do que achamos ter compreendido. A palavra ultrapassa seu imediatismo e não se esgota na captação teórica inicial. Seu estilo mistura o labirinto sintáxico da língua e o elemento francês da sentença. Seus enunciados inscrevem Lacan na linhagem dos grandes moralistas franceses que levam às aporias e às surpresas do sonho.

A linguagem de Lacan é o lugar de um encontro entre a narrativa onírica e toda a agudeza de expressão. Apresenta sentenças claras que facilmente se fixam na memória, porém também assume caminhos de uma língua inapreensível.

Aproxima-se da literatura do século XVII com Jean de La Fontaine (1621-1695) e de François de La Rochefoucauld (1613-1680) e do barroco. A obra de Lacan está cheia de referências literárias, que vão de Sade a Joyce. Tinha para com eles um processo de

incorporação, considerava que os escritores que o antecederam anteciparam suas próprias reflexões. Ficou fascinado pela novidade da língua de Ulisses e de Finnegans Wake e a incorporou. Suas relações com os trágicos gregos e com William Shakespeare e Claudel foram fecundas.

3. Psicanálise e discurso filosófico

A relação entre psicanálise e o discurso filosófico tem basicamente duas vertentes: a primeira aborda a forma pela qual a prática clínica inscreve-se na sociedade contemporânea; a segunda trata das relações teóricas entre a teoria psicanalítica e a filosofia trágica. A relação entre psicanálise e filosofia é uma das grandes discussões em toda a história do pensamento analítico. O que trouxe diferentes olhares e perspectivas para o tema.

Freud não fez filosofia, ele sempre negou que fosse filósofo. Teve em certos momentos uma atitude antifilosófica, porém a filosofia está presente em seus textos. Desde suas origens, a psicanálise despertou a atenção da crítica filosófica. A biografia do jovem Freud indica que ele se interessava muito por filosofia. Esse diálogo entre a psicanálise e a filosofia atravessou o século XX, marcando de forma significativa a história das duas disciplinas.

Uma discussão aprofundada sobre psicanálise e filosofia deve levar em conta a influência filosófica sobre a psicanálise; a posição pessoal de Freud diante da filosofia; significação filosófica dos conceitos freudianos.

Freud se distancia da filosofia à medida em que esta parte da especulação como método, em que a intuição está no lugar da pesquisa exaustiva sobre fenômenos empíricos. O cientificismo do início do século XX faz com que Freud recuse a filosofia. Em seu texto *As resistências à psicanálise*, afirmava que a psicanálise nada deriva, senão desvantagens, de sua posição entre a medicina e a filosofia (FREUD, 1996).

Jacques Lacan em uma conferência (1956) perguntou qual era a filosofia de Freud. O criador da psicanálise teve um entusiasmo inicial para com a filosofia da qual teve

afastamento posterior e intencional. Tal postura deve-se ao fato de Freud querer evitar influências externas na formulação de sua teoria.

Alguns especialistas afirmam que a filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) está presente ao longo da obra freudiana, especialmente através de conceitos como “inconsciente” e o de “Além-do-homem” nietzschiano. Que existe algo da filosofia na construção conceitual de Freud que sem ela teria dificuldade de propor conceitos tais como: pulsão, inconsciente, fantasia entre outros.

Freud desenvolveu algumas problemáticas teóricas que foram fundamentais para a filosofia. Existe uma interpelação recíproca entre a psicanálise e a filosofia. A problemática que marcou a interlocução entre filosofia e psicanálise foi a filosofia do sujeito que estaria sempre no campo da consciência. E se enunciava no registro do eu, a psicanálise postulava o descentramento.

Consta que Freud, em correspondência aos amigos, afirmou que realizou seu desejo de ser filósofo com a criação da psicanálise. Porém, é evidente que a teoria freudiana teve importância crucial para a filosofia. O seu discurso ligava-se ao discurso filosófico pelas problemáticas que colocou para filosofia.

Com Jacques Lacan, o processo de diálogo com a filosofia foi diferente. Utilizou a filosofia para refundir a psicanálise freudiana. A filosofia foi um dos maiores instrumentos da renovação lacaniana. Em seus seminários Lacan abordava Hegel, Platão, Spinoza, Heidegger, Wittgenstein, Kierkegaard, de certa maneira, retraduziu cada filósofo e os relacionou à psicanálise. Sócrates foi um dos interlocutores prediletos de Lacan. De certa forma lacanizou muitos filósofos.

Lacan foi bastante literal para com os textos filosóficos que utilizava, ousado, porém, nunca os manipulou ao seu favor. Em certos momentos também Lacan se disse antifilósofo. Ele integrou em seu pensamento psicanalítico partes inteiras do Diálogo Parmênides.

Utilizou da filosofia para reorganizar a até mudar o rumo do modelo freudiano da psicanálise. Em certos momentos estimulou certa rivalidade velada entre a psicanálise e a filosofia. Lacan levou a filosofia para o campo da psicanálise.

A teoria de Lacan teve forte influência na discussão referente à questão do sujeito. Lacan participou da ruptura com a fenomenologia e se aventurou no conhecimento de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Inseriu-se no estruturalismo por recorrer aos formalismos lógico-matemáticos, por renegar o sujeito reflexivo como centro de toda experiência. O sujeito depende de uma estrutura irreflexiva. Para Lacan, o inconsciente depende da linguagem. Lacan conservou essa categoria, tendo posteriormente que a renová-la. Para ele, o sujeito está no centro da experiência clínica.

Ele faz os filósofos compreenderem que a psicanálise trazia uma revolução filosófica. E levou os psicanalistas a se voltarem para a filosofia. Muitos psicanalistas redescobriram a filosofia, e os intelectuais, a psicanálise.

Lacan iniciou-se no pensamento hegeliano através do filósofo Alexandre Kojève (1902-1968)². Posteriormente afastou-se dessa herança voltando-se ao estruturalismo através de Claude Lévi-Strauss e Jakobson.

A concepção lacaniana do sujeito e adotada por muitos filósofos marca a ruptura da concepção cartesiana.

Mesmo com temas muitas vezes comum em relação à psicanálise e filosofia não é de toda evidente. A psicanálise é objeto de estudo e pesquisa dos filósofos desde que foi criada por Freud. Porém ele tinha receio que o discurso filosófico fosse um obstáculo na comprovação da veracidade científica da psicanálise.

O discurso freudiano da psicanálise delineou um campo de interfaces e interlocuções com o discurso filosófico. As questões filosóficas podem de certa maneira se cruzar com as questões da teoria psicanalítica.

A psicanálise através do seu campo conceitual procura espaço de pensamento em que ela e o discurso filosófico dialogam. São discursos diversos que trazem indagações que permitem desenvolver interfaces.

² KOJÈVE, A. *Introduction à La lecture de Hegel*: leçons réunies et publiées par Raymond Queneau, Paris, Gallimard, 1971.

Conclusão

Cada escritor de sua forma revela em sua produção literária a cultura, os valores da sociedade e sua própria constituição psíquica, o que se constitui em uma das ferramentas para a psicanálise entender as manifestações do inconsciente. A literatura em seus diversos gêneros fornece elementos adjutórios a compreensão da psique humana. Existe um parentesco entre literatura e inconsciente. A literatura mostra aquilo que muitas vezes é difícil expressar cientificamente. Consegue tornar concreta a experiência do inconsciente que é fugaz.

O recurso às obras literárias pela psicanálise mantém o específico da literatura, porém podem ser clarificados por conceitos operacionais da teoria psicanalítica. Psicanálise e literatura têm a palavra como matéria-prima de seus ofícios. O inconsciente que segundo Jacques Lacan, estrutura-se pela linguagem, que surge através de mitos, lendas, sonhos, lapsos, epopeia, poemas e romances. A literatura como fonte para ajudar a entender o ser humano. A obra literária é plurissignificante e com múltiplas possibilidades interpretativas.

A dimensão cultural do pensamento psicanalítico requer um olhar profundo para a sociedade e a cultura. O que requer uma reflexão sobre quem é esse indivíduo e o que o cerca.

O tempo analítico é um conceito que dialoga com a filosofia no sentido de reconhecer a subjetividade que está presente na trajetória clínica de cada pessoa.

Tudo o que faz parte da natureza humana é essencial para o entendimento do comportamento humano, incluindo o conhecimento filosófico. O pensamento psicanalítico e o pensamento filosófico estão presentes em diversas questões, tais como: linguagem, origem dos conflitos, construção do sujeito, influência da cultura no comportamento.

Referências

- ASSOUN, Paul- Laurent. *Littérature et psychanalyse*. Paris: Ellipses, 1996.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e literatura*. Trad. De Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BIRMAN, Joel. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- CHNAIDERMAN, Miriam. *Ensaio de psicanálise e semiótica*. São Paulo: Escuta, 1989.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, Vol.1.
- KOJÈVE, A. *Introduction à La lecture de Hegel: leçons réunies et publiéespar*. Raymond Queneau. Paris: Gallimard, 1971.
- FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Trad. Maria de Lourdes Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios*. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V.9.
- _____. *Adress delivered in the Goethe house at Frankfurt*. In: _____. *Letters*. New York: Basic Books, 1960a.
- _____. *To Arthur Schnitzler*. In: _____. *Letters*. New York: Basic Books, 1960b.
- _____. *Delírio e sonho na Gradiva*. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas. Trad. e direção de Jayme Salomão, 23 ed., Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. *Resistências à psicanálise*. In: _____. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *Lituraterre*. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.
- _____. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Marie L. Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Seminário 2.
- MANN, Thomas. *Cervantes, Goethe, Freud*. Buenos Aires: Losada, 1961.

MARZAGÃO, Lúcio Roberto; RIBEIRO, Paulo de Carvalho; BELO, Fábio R.R. *Psicanálise e literatura: seis contos da era de Freud*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2001.

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MONZANI, L. R. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: PRADO JR., B. (Org.). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

RAMOS, Anna Cláudia; AGUIAR, Luiz Antônio. *Por um espaço para a literatura na escola*. Palestra apresentada ao Cole 2007, no Seminário FNLIJ de literatura infantil e juvenil.